

Um acordo para a dívida. Finalmente.

Depois de uma exaustiva reunião, ontem em Nova York, foram acertados os principais pontos. Só faltou acordo para a redação do comunicado

O acordo entre o Brasil e seus bancos credores já estava pronto no final da noite de ontem, faltando apenas detalhes de redação. A garantia foi dada por uma fonte que participa das negociações, e que adiantou: o acordo conteria os quatro elementos mais discutidos — o primeiro dos quais a aceitação, pelos bancos, do reescalonamento da dívida externa brasileira, de 1986 a 1989.

Segundo ponto: os bancos credores concordam em ter boa vontade quanto à conversão da dívida em títulos, com base na fórmula apresentada pelo ministro da Fazenda, Bresser Pereira. Títulos voluntários e não obrigatórios. Em terceiro lugar, os bancos credores prometem manter abertas as linhas de crédito de curto prazo nos níveis anteriores: US\$ 15,2 bilhões. Em quarto lugar, os credores aceitam contribuir com mais US\$ 3 bilhões numa conta-caução do Banco de Compensações Internacionais (BIS) sediado na Suíça. Desse total o Brasil entraria com US\$ 1 bilhão, cerca de US\$ 500 milhões dos quais deve ser depositados já em novembro.

Outras informações sobre o acordo a ser anunciado, segundo a fonte informou ao JT: o Brasil quer uma redação muito vaga na cláusula do FMI e um texto muito claro na parte que fala da conversão da dívida. O ponto mais difícil das negociações é a caução que Bracher chama de custódia. Discutiu-se muito quais bancos participariam do depósito, e quanto. Parece que, dos 600 credores do Brasil, somente 60 a 100 entrariam. O outro problema da caução é sobre quem controla o dinheiro e se haverá simultaneidade entre os depósitos do Brasil e dos bancos credores.

"Todo o restante já foi resolvido", disse a fonte sobre o acordo. Essa mesma fonte explicou que o problema mais duramente superado foi o do relacionamento do Brasil com o FMI. Venceu a vontade brasileira de não vincular uma volta ao Fundo com um acordo que está sendo negociado. Antes de entrar na rodada de negociações de hoje, Brecher deu uma pequena entrevista para os repórteres que o esperavam.

— William Rhodes (o presidente do Comitê de Bancos Credores) disse que está otimista. E o senhor?

(Brecher não respondeu. Riu sem responder).

— Ele tem mais motivos do que o senhor para estar otimista?

"Não, não, não!"

— Mas o senhor também tem motivos para estar otimista?

"Eu acho que tenho."

— Entre os próprios credores há quem diga que o PMDB não vai concordar com as condições do acordo que está sendo negociado aqui. O que o senhor acha disso?

"Não sei. Vamos fazer o melhor possível. Depois veremos o que se

pode fazer."

— É possível que o senhor saia daqui com um acordo final fechado?

"Certamente sairei sem acordo final. Um acordo final só será fechado em dezembro."

— O que é que a gente pode então esperar?

"É um acordo provisório para ultrapassar o problema da legislação americana referente à qualificação de nossos créditos."

— Isso pode acontecer neste dias?

"Pode, pode acontecer."

— Esse acordo provisório lançaria o princípio de um outro a longo prazo?

"Já dá um embasamento geral para isso."

— Quais são os problemas pendentes?

"Isto é o que estamos vendo agora."

— O senhor volta hoje para o Brasil? (Tinha passagem para a noite de sexta-feira).

"Não, não, provavelmente não".

— Esse acordo provisório não contraria a idéia de que não haveria acordos provisórios, segundo o ministro Bresser Pereira?

"Não, mas não é um acordo provisório. Estamos fazendo um acordo, se você quiser, provisório. É um acordo. Qualquer coisa é um acordo. Se eu concordo em ir daqui até ali, isto é um acordo. Então, é um acordo pelo qual simplesmente se estabelecem determinados procedimentos que permitem aos bancos americanos continuarem a manter os créditos brasileiros numa determinada categoria e, o portanto, tenham folga para negociar conosco."

— E essa data qual é? Dia 2?

"Teoricamente é hoje."

Dado curioso: hoje, sexta-feira, é véspera de Halloween. É neste dia que as pessoas fazem truques (noite das feitiçarias). Já nas ruas de Nova York já se vêem pessoas com máscaras. Um banqueiro disse que gostaria de sair com a máscara de Bracher, por ser ele muito duro. Foi num dia assim que Orson Welles anunciou pela rádio que o mundo estava acabando, levando pânico aos Estados Unidos.

A reunião da Icerc, a comissão interagências que examina a dívida brasileira, decidiu suspender sua decisão à espera do resultado das negociações entre o Brasil e seus credores. O caso brasileiro, segundo uma fonte, foi discutido na manhã de ontem. Agora, a Icerc vai escrever seu relatório, que é pela desclassificação do Brasil na semana que vem. A informação de que a Icerc tinha suspendido sua decisão e que servia de pressão para as negociações seguirem rápidas, foi anunciada aos negociadores durante a tarde.

Moisés Rabinovici,
de Nova York